

ENTRE O DISCURSO DO ATRASO E A BONANÇA DA IRRIGAÇÃO: o imaginário do sertão na construção social e econômica de Maniçoba-BA

Acerlandia Iraci de Souza Monteiro*
Fernanda Roda de Souza Araújo Cassundé**

RESUMO: Este estudo baseia-se na análise das construções acerca do Sertão e sertanejo sobre diferentes registros históricos e por meio das vozes dos moradores do Distrito Irrigado de Maniçoba-DIM. Na metodologia foi desenvolvido um estudo qualitativo, baseado na perspectiva fenomenológica. A estratégia de pesquisa para este estudo é o da História Oral (HO). Os relatos demonstraram que os sertanejos de Maniçoba percebem a presença de preconceitos quando se trata do Sertão e do sertanejo, o que demonstra que o Nordeste construído no século XX continua sendo visto de acordo com os interesses das classes dominantes.

PALAVRAS-CHAVE: Sertão; Sertanejo; Estereótipos; História Oral.

Between the delay speech and the irrigation bonanza: the imagery about sertão in the social and economic construction of Maniçoba-BA.

ABSTRACT: This study is based on the analysis of the constructions about a hinterland area from Brazil called Sertão and its people (sertanejo), on different historical records and through the voices of the residents from the Irrigated District of Maniçoba-DIM. In the methodology a qualitative study was developed, based on the phenomenological perspective. The research strategy for this study is Oral History (OH). The reports demonstrated that the hinterland people from Maniçoba perceive the presence of prejudice when it comes to the hinterland and its people, which demonstrates that the Northeast built in the 20th century continues to be seen according to the interests of the dominant classes.

KEYWORDS: Hinterland; Stereotypes; Oral History.

Entre el discurso del retraso y el boom del riego: el Sertão imaginario en la construcción social y económica de Maniçoba-BA.

RESUMEN: Este estudio se basa en el análisis de las construcciones sobre el Sertão y el sertanejo acerca de diferentes registros históricos y a través de las voces de los residentes del Distrito de Riego de Maniçoba-DIM. En la metodología se desarrolló un estudio cualitativo, basado en la perspectiva fenomenológica. La estrategia de investigación para este estudio es la Historia Oral (HO). Los informes mostraron que los sertanejos, o sea, las personas que viven en Maniçoba perciben la presencia de prejuicios cuando se trata del Sertão y del sertanejo, lo que demuestra que el Noreste construido en el siglo XX continúa viéndose de acuerdo con los intereses de las clases dominantes.

PALABRAS CLAVE: Sertão; Sertanejo; Estereotipos; Historia oral.

*Mestra pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Atualmente, é membro da Comissão de Revitalização do Caboclo. Contato: Povoado do Caboclo - PE 465, km 9 s/n, Sítio Histórico, CEP: 56360-000, Afrânio-PE, Brasil. E-mail: acerlandia@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9978-0267>.

**Doutora pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente, é professora do colegiado de Administração da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Contato: Avenida José de Sá Maniçoba, s/n, Centro, CEP: 56304-205, Petrolina-PE, Brasil. E-mail: fernandaroda@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4750-660X>

Atrelada à bonança de um lugar estabelecido no Sertão baiano, existe uma construção histórica de atraso, pobreza, fome e ignorância, de um preconceito que, além de geográfico, é ideológico, e foi exatamente nesse prisma que este trabalho foi tecido. Queremos mostrar a realidade dos sertanejos, algo ainda muito insipiente na literatura, apresentar quem são essas pessoas e como elas percebem o mundo ao seu redor. “Contatar a realidade experienciada pelo sertanejo é um esforço de dar lugar para essas experiências e evidenciar sentimentos e compreensões envolvidas em sua cotidianidade”.¹

O Distrito Irrigado de Maniçoba (DIM), compõe juntamente com outros núcleos como Bebedouro, Nilo Coelho, Curaçá, Tourão e Mandacaru um perímetro irrigado do Sertão São Franciscano. Um perímetro de irrigação é um sistema planejado para suprir ou drenar a água em uma agricultura irrigada. “A irrigação é uma prática da agricultura adotada para suprir a deficiência total ou parcial da água utilizada para a produção. A agricultura irrigada é o uso que mais consome água no Brasil e no mundo”.²

Em regiões como o Sertão, que são características por apresentarem escassez de água, a irrigação é fundamental para viabilizar as práticas agrícolas. Atualmente, 6,95 milhões de hectares estão equipados para a irrigação a nível nacional.³ A região do Vale do São Francisco também carrega um dos maiores índices de área irrigada, superior a 30.000 hectares em alguns locais e variando entre 5.000 e 10.000 hectares em outros municípios do Vale.

Foi nesse contexto irrigado que a pesquisa foi formatada, atrelados à irrigação do Vale do São Francisco existem também estereótipos como o atraso social e a seca associados a região por compor o Nordeste brasileiro e o Sertão nordestino. “Os estereótipos (re)produzidos ao longo dos anos pelos meios audiovisuais influenciaram na imagem que se construiu a respeito do Nordeste e do sujeito nordestino”.⁴

Este estudo dedica-se à compreensão de entender como esse preconceito foi construído historicamente, para, em um momento subsequente, apresentar o DIM, lugar onde ocorre o encontro de dois paradigmas, o atraso enquanto espaço por pertencer ao Sertão nordestino e à bonança atrelada a farta produção agrícola, algo possível no Sertão, contrariando os discursos depreciativos vigentes.

O discurso forjou o Nordeste: O Nordeste concebeu o Nordeste

Para o Nordeste existir, as elites falidas precisavam de um motivo para justificar ao Governo a que se destinavam os recursos que eles solicitavam para a região, com o discurso de ajudar os povos flagelados. “As secas e suas trágicas consequências sociais foram decisivas

para a “descoberta” do Nordeste, especificamente do Sertão nordestino, por parte do “Sul” do Brasil”.⁵

Esse discurso se justificou com a seca, um fenômeno geográfico decorrente de ausência de precipitações pluviométricas; essa condição do clima sempre existiu em regiões áridas e semiáridas do mundo. “A região Nordeste foi criada a partir de um marco climático, a seca”.⁶ Existe, desde o final do século XIX, um paradigma da seca, criado com a desculpa de extinguir o fenômeno por meio de medidas governamentais. O que houve durante muito tempo por trás do discurso falacioso da seca foi a exploração econômica das elites apoiadas no Governo. A seca se configura em arma para os interesses regionais, sendo utilizada como um modelo de horrores no qual estava instalada a miséria dos flagelados e o abandono do poder público.⁷

A “indústria da seca” foi utilizada de forma pública em 1959 pelo jornalista Antonio Callado. No material, era mostrado que os equipamentos do DNOCS eram utilizados a favor dos fazendeiros e que os reservatórios de água feitos com dinheiro público eram cercados e gerenciados pelos grandes latifundiários.⁸

Ser nordestino passou a ser um estigma que um brasileiro poderia ter. Aqueles que viviam no Nordeste poderiam passar por qualquer tipo de situação, pois sobreviver naquela região era para os fortes, parafraseando Euclides da Cunha. Passou-se, então, a criar uma imagem falaciosa no sentido de que o restante do Brasil, com suas populações, era superior em todos os quesitos aos nordestinos. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenção dessas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes.⁹

Esse discurso desenvolvido no século XIX atravessa gerações. “Muitas imagens são evocadas quando se menciona a região Nordeste, evidenciando a pluralidade de significados construídos em torno dela. Em consonância com a seca, pensa-se em pobreza, miséria, violência, coronelismo, messianismo”.¹⁰

As características socioculturais, históricas, geográficas e econômicas do Nordeste foram formadas a partir de diferentes pontos de vista, o que corrobora para hermenêuticas variadas desse espaço. Tais características compõem a construção do Nordeste, que se modifica com o passar dos anos.¹¹ O Nordeste não é visto como ele é, ele foi inventado e é ensinado e vivenciado através de visões estereotipadas por todo o Brasil.

O Nordeste é pesquisado, ensinado, administrado e pronunciado de certos modos a não romper com o feixe imagético e discursivo que o sustenta, realimentando o poder das forças que o introduziu na cultura brasileira, na ‘consciência nacional’ e na própria estrutura intelectual do país.¹²

A partir desse emaranhado de construtos pejorativos, não é difícil entender os motivos que colocam o Nordeste dentro de uma operação homogênea na qual a visibilidade da região é explorada na cultura, nas artes e principalmente na mídia como construção de um ideal imaginário.

Nordeste: tradição e cultura justificando o discurso vigente

A tradição, também denominada transmissão de costumes e memória, tem um papel decisório na intitulada cultura nordestina. O sentimento regionalista tem a intenção dessa valorização; entretanto, decidir o que deve ser dado ênfase em uma cultura carrega interesses públicos e privados, nobres ou mesquinhos.¹³

Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.¹⁴

Essa tradição inventada é marcada por elementos repetitivos, com interesse em tornar a invenção numa realidade. Com aspectos saudosista de retorno ao passado, surge a cultura nordestina, desenhada para mostrar que, apesar de pobre na sua economia, o Nordeste e seu povo são ricos em cultura.

Embora pobre economicamente, o Nordeste seria uma região rica culturalmente; embora subordinada politicamente, teria uma cultura autônoma, autêntica, independente e soberana. Mesmo em meio à pobreza, ao abandono dos poderes públicos, notadamente do Estado nacional, mesmo vítimas da calamidade periódica das secas, os nordestinos, os homens do povo, os homens do Sertão, seriam capazes de produzir manifestações culturais expressivas e esteticamente representativas da cultura nacional.¹⁵

A saudade e a tradição estão imbuídas na formação do Nordeste. Foi através desses dois construtos que se justificou como seria construído esse espaço. A lembrança da produção de café, a quimera do engenho e da escravidão são elementos utilizados para reconstruir e aplicar o que foi perdido nesse novo território.¹⁶

Esse Nordeste saudosista foi originado para mostrar que, mesmo com o surgimento da nova ordem mundial, a tradição do colonialismo permanecia, através da música, poesia e demais práticas culturais. “[...]habitado por um povo ‘dócil’ e ‘ordeiro’, o Sertão – zona árida em vários sentidos, marcado pela presença de traços ‘ásperos’, por uma ‘força bruta’ [...]”.¹⁷

Para evidenciar esse espaço nordestinizado, foi criado o Centro Regionalista do Nordeste, em 1924, liderado pelos intelectuais filhos das classes dominantes no intuito de efetivar a unidade do Nordeste.

O Centro tinha como propósitos apoiar os movimentos políticos que objetivassem desenvolver moral e materialmente o Nordeste e, também, defender os interesses da região de forma solidária. No seu programa fica clara a idéia de acabar com os particularismos provincianos, a fim de criar uma comunhão regional.¹⁸

A reconstrução “de um discurso sobre o” Nordeste será possível por meio do movimento de todas as esferas civil, no intuito de demonstrar suas riquezas, sua gente e também sua complexidade. Destruir o estereótipo presente há mais de um século não será tarefa fácil; entretanto, é algo concebível a longo prazo. Para a mudança de paradigma, toda a sociedade deve ser envolvida, no intuito de dissipar a visão preconceituosa instaurada no Brasil no que concerne ao Nordeste.

De fato, o Nordeste não se constituiu em um espaço geográfico coerente e harmônico, mas é entendido, a partir das imagens que se formaram e se cristalizaram a seu respeito, como único e maciço, com um exagero de simplificação, pautado na idéia de crise e necessidade de ajudas paliativas para sobreviver.¹⁹

O olhar que se criou do Nordeste vai além de sua espacialidade climática geográfica territorial, parte de ideias pejorativas arraigadas na sociedade e construídas ao longo do tempo. Cabe à desmitificação dessa ideia sobre o lugar que se configura em paradigma entre o discurso do atraso e da bonança presente nas suas riquezas naturais e econômicas, sobretudo no Vale do São Francisco, destaque nacional e mundial, atraindo centenas de olhares para tudo que é produzido na região com as águas do rio São Francisco.

Conhecer o Nordeste não apenas em seus discursos, mas também a realidade que se apresenta é um passo significativo para essa conquista. Na seção seguinte, será exposto o Nordeste que todos precisam conhecer, espaço de riquezas múltiplas, partindo da convivência com a diversidade do lugar.

Mudando o discurso: a convivência com o Semiárido no Distrito Irrigado de Maniçoba

Maniçoba, planta nativa do Nordeste brasileiro, de nome científico (*Manihot caerulescens*) é utilizada no semiárido principalmente para a alimentação de caprinos, ovinos e bovinos em período de estiagem. A maniçoba é utilizada também na culinária baiana, prato de origem indígena, é bastante conhecido nos festejos do Recôncavo Baiano. No final do

século XIX e início do século XX, a maniçoba movimentou a economia piauiense inclusive com exportação da planta. “[...] o desempenho da exploração da maniçoba, no contexto da economia piauiense, provocou uma corrida às regiões produtoras, o que fez ocorrer significativas intervenções na conformação do tecido social [...]”.²⁰

Maniçoba, de planta nativa tornou-se um nome estratégico para ser dado a um povoado do Nordeste. Enquanto espaço territorial Maniçoba está situada no município de Juazeiro pertencente ao Estado da Bahia na região do submédio São Francisco, no Sertão nordestino. O lugarejo Maniçoba tem familiaridade com a maniçoba planta, ambas trazem conforto durante a estiagem, seja para os animais, seja para a população de depende do povoado de Maniçoba para plantar e colher. Não se sabe ao certo a origem do nome do DIM (Distrito Irrigado de Maniçoba); certamente, surgiu devido à grande quantidade da planta na localidade.

O DIM foi construído entre os anos de 1975 a 1981. Inicialmente, era chamado apenas de Maniçoba. O nome de distrito irrigado foi dado bem depois já na década de 90, no intuito de conceder maior autonomia ao perímetro. Nesse período, estavam em alta programas para desenvolver o Nordeste. Até a década de 50 do século XX, as ações governamentais na região eram caracterizadas por política assistencialista, com construções de barragens e açudes que logo secavam, fazendo com que a população ficasse sempre dependente do Governo municipal, estadual e federal.

A construção histórica e espacial das gentes sertanejas se deparou, de repente, com fortes ventos de modernização no campo pelo crivo do capital moderno, competitivo e comercial. As estratégias de expansão dos processos produtivos dos planos governamentais estenderam seus tentáculos até a região dos sertões promovendo mutações sociais e espaciais ainda não vistas em escala regional.²¹

Com a criação do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste em 1957, essa realidade começou a se modificar. Esse grupo, liderado por Celso Furtado, tinha como premissa amenizar os problemas no semiárido nordestino, sobretudo os causados pela seca.

Este grupo de trabalho elaborou um documento no qual se assegurava que a solução dos problemas do semiárido estaria em dar uma maior estabilidade à renda da população, reduzindo, por exemplo, a prática da agricultura de subsistência. Para alcançar este objetivo, uma das alternativas sugeridas pelo documento era a implantação da irrigação nas zonas em que esta atividade fosse possível.²²

Entretanto, para ser aplicada essa política, era necessário identificar em quais localidades seria possível a irrigação. O vale do São Francisco foi um desses lugares propícios

para a agricultura irrigada, graças ao rio São Francisco, que corta, dentre outros Estados, Pernambuco e Bahia.

Em 1965, teve início dois projetos pilotos no Vale do São Francisco: Bebedouro em Petrolina e Mandacaru em Juazeiro.²³ A implantação do DIM se deu a partir das decisões tomadas na década de 70 do século passado com o Programa Plurianual de Irrigação (PPI). A maior parte das verbas destinadas no PPI foram para a região Nordeste, beneficiando a economia da região, tendo como base a irrigação.

O desenvolvimento do semiárido nordestino com utilização da irrigação pode ser classificado em quatro fases: a primeira, iniciada no final do século XIX até a década de 60 do século XX. Nesse momento, o mapa da irrigação começou a ser formado, considerando a produção de arroz no Sul e a seca no Nordeste. A segunda fase perdurou desde o final da década de 60 até o início dos anos 80 do século XX. Muitos programas tiveram como foco em ações específicas para a irrigação no âmbito nacional, além da imersão em estudos sobre os recursos hídricos. A terceira fase durou de 1985 até 1995; foi caracterizada por programas voltados para o Nordeste, havendo distinção de forma mais clara entre o que competia ao setor público e ao privado. A quarta e última fase ocorreu a partir de 1995 com um novo projeto de irrigação tendo, como lócus também o Nordeste, a fim de validar e estruturar as ações da política irrigada.²⁴

Dentre as quatro fases da irrigação no Brasil, pode-se classificar que Maniçoba foi gestada na segunda fase da política de irrigação no país. O DIM possui uma área irrigável de 9.452 ha, sendo 4.807 ha de área ocupada (1.781 ha de lotes familiares e 3.026 de lotes empresariais) correspondendo a 63% do total de área.²⁵ O DIM faz parte de uma região de desenvolvimento intenso, com apoio do Governo Federal, além disso, possui uma estrutura organizada, com dois núcleos habitacionais e um centro técnico-administrativo.

Em 2002, foi regulamentada a Lei n. 113, que define a Região Administrativa Integrada de Desenvolvimento do Polo Petrolina/Pe e Juazeiro/Ba – RIDE. Para o DIM, a Lei foi mais uma conquista, possibilitando mais subsídios para o desenvolvimento do perímetro irrigado. Essa região foi definida pelo Congresso Nacional como área prioritária de aplicação de recursos no intuito de combater as desigualdades socioeconômicas da região.²⁶ A RIDE é composta por oito municípios, sendo quatro no Estado de Pernambuco e quatro na Bahia, conforme mapa abaixo.

Figura 1 – Mapa com delimitação da RIDE no Vale do São Francisco



Fonte: Ministério da Integração Nacional (2011)

A administração dos perímetros irrigados ficou a cargo da CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba). A CODEVASF foi a grande responsável pela distribuição inicial dos hectares do perímetro irrigado de Maniçoba. Para criar o perímetro, a CODEVASF desapropriou as famílias das áreas de sequeiro e assentou-as em lotes irrigados (cada lote possuía em torno de sete hectares). Muitas não queriam ir para o perímetro e aí, nesses casos, recebiam incentivos e benefícios por parte da CODEVASF.

Maniçoba foi formada, *a priori*, por pessoas que, muitas vezes, não tinham a prática da agricultura; eram pescadores, pedreiros, caçadores. Isso foi determinante para alguns problemas como lotes vendidos a preço muito baixo ou abandonos.

Hoje, o distrito está organizado e estruturado com uma gestão participativa que contribui para esse bem-estar geral do DIM. Os erros cometidos no início foram aprimorados, o que qualifica o DIM como uns dos perímetros mais rentáveis do Vale do São Francisco.

Procedimentos Metodológicos

A Essência

A investigação é qualitativa porque considera que há uma dinâmica pautada na mudança do que representam esses espaços, Nordeste e Maniçoba e os sujeitos que lá vivem para a sociedade e para o que temos como proposta central nessa pesquisa. Existe um vínculo indissociável entre o mundo do objeto e a subjetividade dos sujeitos, que não pode ser traduzido em números. Por ser uma pesquisa qualitativa, interpretaremos fenômenos e atribuiremos significados ao objeto de pesquisa a ser investigado. No desenvolvimento da pesquisa tivemos, o aporte da perspectiva fenomenológica. “A fenomenologia oferece a possibilidade para compreender a experiência vivida das pessoas de um modo que outras metodologias não o fazem”.²⁷ Nesse sentido, sentimentos como alegria e tristeza que, muitas vezes, ficam velados nas falas dos entrevistados, poderão emergir através do estudo fenomenológico. Temos nessa perspectiva condições de pesquisar e entender a essência na fala do cada ator social envolvido na pesquisa.

Assim, este estudo adotou uma abordagem predominantemente qualitativa.²⁸ Baseada na perspectiva fenomenológica, visto que busca retratar a realidade a partir das experiências subjetivas dos sujeitos.²⁹ Nessa perspectiva, assume-se que a realidade social é construída por e através de interpretações simbólicas e culturais, teias de significado e significados construídos e usados pelos atores envolvidos.³⁰

São múltiplas as estratégias metodológicas disponíveis para operacionalizar um método, seja qual for a escolha do pesquisador a criticidade deve permear toda a construção epistemológica, assim como, a consciência de que não existe método perfeito, apesar de todo respaldo e reconhecimento acadêmico.

No intuito de concretizar a estratégia adotada, utilizou-se a história oral como metodologia de pesquisa. O processo de construção através das fontes orais teve a intenção de promover uma reflexão através do resgate da memória dos habitantes do Distrito Irrigado de Maniçoba. A história oral quando utilizada em segmentos populares promove níveis de historicidade que habitualmente eram conhecidos por meios oficiais. Após gravados, transcritos e publicados esses depoimentos possibilitam conhecer a visão que os segmentos populares têm de si e do seu redor.³¹ “É uma metodologia de reconstrução do fato com base em uma entrevista realizada junto ao personagem envolvido em uma narrativa de acordo com a sua vivência e maneira de ver o fato”.³² A história oral é uma metodologia ideal para diversos tipos de pesquisas, pois consegue buscar além das respostas curtas dos entrevistados;

por meio dela, é possível trazer à tona questões que, antes, não seriam levantadas. A força da história oral é a força de qualquer história metodologicamente competente”.³³Na entrevista, o pesquisador deve deixar o entrevistado falar sem cortes com o intuito de preservar a memória daquele momento.

Quando vamos a campo realizar entrevistas em profundidade, e levantamos, de nossos entrevistados, aspectos de suas experiências, visões, interpretações, memórias, opiniões, seu entendimento sobre um assunto, seus pensamentos, idéias, emoções, sentimentos, percepções, comportamento, práticas, ações, atividades, interações, crenças, compromissos, produtos, relacionamentos etc., como fonte de dados, com certeza estamos trabalhando com fenômenos que têm muito a revelar sobre a realidade social e que têm tudo a ver com a história oral.³⁴

Os protagonistas e o caminho percorrido

O corpus da pesquisa foi constituído pelos moradores que vivem em no Distrito Irrigado de Maniçoba.

Tabela 1: Definição de critérios para seleção do corpus

Crítérios de seleção	Características	Sujeitos
Atores inseridos no contexto social e econômico de Maniçoba.	Atores que residem a mais de 10 anos ou que participaram da formação do DIM.	Agricultores em exercício ou aposentados e donas de casa de Maniçoba.

Fonte: elaboração própria (2019)

Ainda à luz dos procedimentos técnicos, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com dez atores sociais de Maniçoba. Toda entrevista objetiva algum resgate do passado, far-se-á necessário um diálogo entre entrevistador e entrevistado que deve ser permeado antes de tudo por empatia.³⁵Nesse tipo de entrevista, há momentos de perguntas anteriormente elaboradas e, caso haja necessidade, o pesquisador poderá acrescentar outra pergunta relevante que tenha conexão com o contexto.³⁶Na entrevista semiestruturada, o pesquisador tem um ponto de partida, ou seja, uma diretriz para a execução da entrevista; entretanto, o trabalho do pesquisador não se limita às perguntas que ele elaborou previamente. Dessa forma, esse tipo de entrevista consegue fornecer dados importantes durante a fala do entrevistado, por permitir maior flexibilidade no momento da entrevista. O quadro abaixo apresenta a lista de entrevistados e algumas informações das entrevistas.

Nesse sentido, esta pesquisa no que concerne à coleta de dados foi defendida sob a égide da triangulação, com o objetivo de prever dinâmicas, necessidades de recortes ou ajustes, para não correr o risco de o resultado ser limitado por um único prisma de análise. “Assim se firma aqui a ideia de triangulação, de olhares múltiplos, de buscas diversas que se complementam, mas que também podem se firmar somente no eixo qualitativo”.³⁷ A triangulação possibilita a combinação de perspectivas ou métodos. Neste estudo específico, são eles: a entrevista semiestrutura e o referencial teórico, que corrobora com falas dos sujeitos; através da triangulação, será possível validar ou refutar diferentes descobertas sobre o fenômeno estudado.

Detalhes do roteiro

Para analisar os dados, foi adotada a análise de conteúdo.³⁸ Nesse contexto, foram consideradas as falas dos moradores de Maniçoba para efetuar as análises e tecer considerações como também o aporte teórico, fundamental na formulação das análises. Essa metodologia busca a compreensão crítica do sentido exposto ou oculto das comunicações.³⁹ A análise de conteúdo pode ser compreendida como sendo um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Dessa maneira, considerando os objetivos e as técnicas de coleta de dados propostos neste estudo, entende-se que o procedimento mais adequado para a análise dos dados é a Análise de Conteúdo”.⁴⁰ A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, inferência essa que recorre a indicadores (quantitativos ou não).⁴¹

Aspectos Sociais e Econômicos Através dos Discursos dos Moradores do DIM.

O Distrito Irrigado de Maniçoba, implantado em 1981 pela CODEVASF, foi legitimado enquanto distrito no ano corrente de 2019, mediante o projeto de Lei Nº 3.496/2019, que criou o Distrito de Maniçoba e consolidou sua configuração territorial.⁴² A partir dessa emancipação, os pequenos, médios e grandes produtores, são os responsáveis pela administração de toda área irrigada.⁴³

Para chegar a Maniçoba, utiliza-se a BA-210, ficando distante 38 km da cidade de Juazeiro. O clima é quente na maior parte do ano, a média anual de pluviosidade é de 422 mm, julho é o mês mais seco do ano e janeiro o mais quente.⁴⁴

O perímetro possui dois núcleos habitacionais, conta com um centro técnico administrativo. No campo educacional, o distrito atende até o Ensino Médio sob jurisdição da Secretária Municipal de Educação de Juazeiro-BA. À prefeitura de Juazeiro cabe a gestão de Maniçoba. “O DIM é considerado exemplo para os outros perímetros irrigados da região em função da organização de seus produtores por meio de associações ou cooperativas”.⁴⁵

Muitas foram as mudanças ocorridas em Maniçoba desde sua formação enquanto perímetro irrigado em 1981. O território já era habitado por sertanejos antes de o ‘progresso’ da irrigação chegar marcando a vida desses moradores, conforme destacou dona Valdeci que reside há 55 anos em Maniçoba.

Eu nasci e me criei aqui, e quando eu nasci e me criei só tinha caatinga era muito sossegado entendeu? Tá desenvolvimento depois que o projeto Maniçoba chegou entendeu? Que cercou e deixou meu pai só em um jequi (Jequi pode ser atribuído a apertado, justo, quando a entrevistada se refere ao jequi quis dizer que seu pai ficou com um pequeno pedaço de terra depois que o perímetro irrigado de Maniçoba foi formado, antes disso ele morava na beira do rio e tinha bastante terra e água) entendeu? Ai agora que desenvolveu, aqui era muito sossegado aqui.⁴⁶

Tentar traçar um perfil dos habitantes do DIM requer, antes de tudo, um mergulho na memória, identidade e alteridade, identificando como se constitui a formação pessoal de cada um, para, enfim, analisar os discursos carregados por eles. Os acontecimentos existem, mas são as repercussões, que penetram na memória de um povo, e são, a partir desse impacto, que momentos são revividos e sentidos.⁴⁷ Retornar ao passado para os habitantes do DIM é mais que contar uma história, requer vivenciar novamente os fatos e sentimentos de tempos atrás, muitos deles difíceis de reviver.

Reconstruir histórias de vida sejam elas nos aspectos pessoais, sociais, culturais ou profissionais, é uma forma de reaver lembranças escondidas reveladoras de sentimentos que, ao serem expressos pelas palavras, conseguem fazer os fatos renascerem, mesmo imaginariamente [...].⁴⁸

O passado permanece em constantes momentos de lembranças nas vidas dos habitantes do DIM; difícil tarefa, a de dissociá-lo do que hoje é Maniçoba. “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”.⁴⁹ “Na época, quando eu era novo, não tinha aqui, era umas cinco casinhas, aqui, não tinha nada, a gente vivia de roça, feijão, mandioca, na beira do rio”.⁵⁰

Nostalgia, perda, abandono, lembranças do lugar, do lar, da ‘minha casa’! São sentimentos que, muitas vezes, os sujeitos do campo (do Sertão) tiveram de apreender com a incorporação do projeto de modernidade (ou pós-modernidade),

independente de sua vontade ou escolha (principalmente pela grande massa de trabalhadores rurais).⁵¹

A memória individual dos entrevistados culminam na coletiva.⁵² Os habitantes do DIM relatam de forma enfática sobre essa perda de espaço territorial que o desenvolvimento levou e como foi difícil lidar com a nova forma de viver e lidar com a terra.

Maniçoba foi se desenvolvendo e crescendo em contingente populacional. No período de implantação, os produtores se instalavam em lotes e se preparando para explorar a terra, passavam por um treinamento de alguns dias para aprender sobre o cultivo e normas de convivência com a comunidade.⁵³

Nesse sentido, o DIM foi se formando e apresentando características particulares através de seu povo. “No início do século XX, foi uma época em que se começou a discutir a questão da identidade brasileira”.⁵⁴ A identidade dos sujeitos é formada de acordo com o espaço e localidade na qual residem. O conceito de identidade vem passando por transformações, afinal, as identidades são construções históricas e sociais. Sendo assim, não são originais; se viessem de algum lugar, teria que ser nomeada enquanto origem e ser considerada como invenção social.⁵⁵

Entender o sentido do ser sertanejo para os habitantes do DIM, aspecto identitário na formação da comunidade, foi uma preocupação desta pesquisa, pois, a partir das definições dadas, seria possível elucubrar sobre os aspectos de identificação ou não com estereótipo presente na vida do próprio sertanejo. “O construto identitário do sujeito não está associado apenas na materialidade da face, do corpo e da voz; está ligado a fatores físicos, sociais e históricos”⁵⁶

Quando indagados do que seria ser sertanejo, as respostas apesar de variadas trazem em seu cerne a mesma conotação. “Sertanejo para nós é morar no interior né”.⁵⁷ “Sertanejo é morar no Sertão e se sentir tranquilo por que está morando no Sertão”.⁵⁸ “Morar em sítio em povoado né, é, pra mim é isso”.⁵⁹ “Morar no interior, nasci e me criei aqui”.⁶⁰ A maioria dos entrevistados que formularam definições para o adjetivo sertanejo fizeram uma alusão a interior. “Contudo, o local é histórico e continua sendo o mesmo em época de globalização”.⁶¹ Segundo a historiografia brasileira, por volta do século XVII aqueles designados como sertanejos eram os habitantes que residiam afastados da orla atlântica.⁶²

É importante notar que o termo não fazia qualquer referência a um tipo de cultura ou de uma região específica, era apenas uma determinação geográfica. Tanto que os “sertanistas”, no século XVII, eram aqueles que se aventuravam pelos sertões em busca de terras e prosperidade.

O século XIX idealizou o Sertão. O que havia sido sentimento legítimo de orgulho de descoberta e convivência, com o escritor mineiro percebendo de perto os hábitos e a carência da vida sertaneja, vai receber, depois da Independência, os efeitos da romanização da natureza e dos habitantes do interior, a que se opõem não somente o litoral, mas também a Corte do Rio de Janeiro ocupou o lugar de Lisboa na produção da linguagem dominante, o que, de certa forma, continua até hoje com os meios de comunicação de massa; e o Sertão — o interior, as terras despovoadas e distantes, sobretudo certas áreas nordestinas — passou a ser o lugar do conflito social dos jagunços e cangaceiros, dos agregados e oprimidos por uma política agropastoril que privilegiou sempre os mais ricos.⁶³

Essa construção do homem sertanejo ficou evidente logo no início do século XX quando se tinha a necessidade de caracterizar o país e as regiões. Entretanto o estigma do homem sertanejo não foi superado. Conforme esclarece um dos entrevistados. “Ser sertanejo é pessoas batalhadoras, pessoas que gosta de trabalhar e fazer o bem, mas não é assim que a gente é visto pelas pessoas de fora”.⁶⁴ Na fala, fica evidente a percepção do entrevistado quanto a não aceitação do ‘sertanejo’ pelos demais habitantes do país. Ser ou não ser sertanejo é uma questão que se coloca hoje com persistência, especialmente, para os jovens que não veem no Sertão as oportunidades que almejam.⁶⁵

Esse pertencimento do ser sertanejo não tem fácil aceitação social. Reconhecer-se do Sertão é ser associado ao atraso, ignorância, violência e etc.; entretanto, todos os entrevistados afirmaram que se entrassem numa máquina do tempo e pudessem escolher onde nasceriam, de forma quase unânime, a maioria desejaria nascer onde nasceu, no Sertão: “Rapaz eu queria nascer aqui mesmo”.⁶⁶ “Aqui por que eu nasci aqui e não tenho vontade de sair não”.⁶⁷ “Nascer sertaneja por que é bom ser sertaneja”.⁶⁸ Alguns mais tímidos dizem: “Aqui em Maniçoba”.⁶⁹ “Aqui, Sertão, sertaneja mesmo”.⁷⁰ “Em Maniçoba”.⁷¹ “Ser do Sertão, ser daqui”.⁷² “Aqui mesmo”.⁷³ O entrevistado Osvaldo ainda completa dizendo: “O Sertão com certeza. Eu escolheria o Sertão até por que é o lugar que as pessoas batalham dignamente honestamente e o lugar bom de sobreviver”.⁷⁴ “É conhecido que a memória, quando arquivada, deixa de ser na sua verdadeira acepção, uma recordação, logo, algo que mantém um elo vivo de continuidade e de pertença a um sujeito”.⁷⁵ Há aqueles que não têm qualquer tipo de apego emocional ao lugar. Foi o que demonstrou Maria Janete quando falou: “Mulher pra mim tanto fazia nascer no Sertão ou em qualquer outro lugar”.⁷⁶

Falar em Sertão para os sertanejos de Maniçoba é trazer lembranças da infância, do zelo dos pais com os filhos, da casa cheia, da calma. “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança”.⁷⁷ O Sertão visto e vivido por eles não é o Sertão mostrado nas

mídias sociais ou na grande mídia televisiva. Esses sertões não são os mesmos! Existe um discurso que deturpa o Sertão, que o coloca como marginalizado. É exatamente nesse contexto que se faz necessária a mudança de paradigma. “O estereótipo é um olhar e uma fala produtiva, ele tem uma dimensão concreta, [...] ele se materializa ao ser subjetivado por que é estereotipado, ao criar uma realizada para quem o toma como objeto”.⁷⁸

A grande mídia, corriqueiramente, mostra um Sertão caricato, marcado pelo chão rachado, fome e falta de água. É com essa imagem que os brasileiros percebem o Sertão nordestino. Mas como perceber diferente se o que as oligarquias regionais nordestinas criaram a literatura enfatizou e a grande mídia validou? “A mídia vem ajudando na propagação desse modelo ultrapassado de raciocínio e percepção sobre o que acontece na região, principalmente no Sertão”.⁷⁹

Essa visão preconceituosa quando se refere ao Sertão ou Nordeste é percebida pelos sertanejos de Maniçoba, apesar de ser, muitas vezes, um estereótipo velado que parte das pessoas não conseguem identificar. “As pessoas são vítimas desse tipo fantasiado de imagens, se sentem obrigadas a participar da distorção da sua própria identidade”.⁸⁰ O que também pode ocorrer é as pessoas acharem “normal” a piada, chacota, palavrão ou algum adjetivo pejorativo que os outros usam para designar o sertanejo. Essa normalidade trata exatamente da construção sociocultural do Sertão.

Uma das entrevistadas acredita que não existe interesse das pessoas, em geral, pelos sertanejos. “Eu acho que eles não ligam muito para a gente não né, sertanejo”.⁸¹ Ainda completa dizendo onde ela percebe atitudes preconceituosas em desfavor do sertanejo.

O Presidente não foi? Na campanha dele ele não chamou nós tudo aqui de burros? Que saia daqui para ir trabalhar no Sul, os nordestinos era tudo burro, uns jumentos, que saia daqui para ir ganhar a vida lá. Que muitos dizem: não eles vão ganhar a vida lá por que lá a situação é mais precária para eles, alguns sai de lá para vir trabalhar no Sul em São Paulo entendeu?⁸²

Corroborando com o que disse donaValdeci, dona Julia também afirma que as pessoas olham diferente para os sertanejos, acreditando existir preconceito. “Ah, com certeza, tem”.⁸³ A entrevistada diz ter visto cenas preconceituosas, tratando-se de sertanejo, mas não soube dizer quais ou onde.

A grande mídia televisiva tem um papel fundamental na formação da mentalidade das pessoas; o Sertão ou sertanejo mostrado na televisão, por exemplo, é em grande parte marcado pela dualidade: miséria x comédia. Para os entrevistados de Maniçoba, as eleições de 2018 ficaram marcadas no que concerne aos estereótipos sobre a nossa região. Perguntada se

já presenciou alguma cena de preconceito, outra entrevistada responde fazendo referência ao ganhador do pleito para Presidência da República: “Eu só vejo B. chamando os nordestinos de burro”.⁸⁴ “Eu vejo exclusivamente em jornal e como eu voltando atrás na política também mas tem no jornal eu já vi”.⁸⁵

A forma como foram conduzidas as eleições presidenciais e toda a politicagem envolvida suscitou formas de preconceito na visão de alguns entrevistados. “Com certeza, tem e tem bastante e teve mais agora nessa última política desse último governo. O pessoal fica criticando os nordestinos e o pessoal daqui da região”.⁸⁶ Trazendo um discurso forte em relação ao que percebe quando se trata de sertanejos e demais povos do Brasil, Osvaldo completa sua linha de raciocínio para explicar o que difere o sertanejo dos demais, além de trazer a importância do DIM para a economia regional.

Uma parte é por que o pessoal do nordeste sempre são todos trabalhadores aí para algumas pessoas são mal vistos, para as pessoas são abaixo do nível de algumas pessoas que vivem na capital né, nas cidades grandes que tem seus empregos e aqui não as pessoas humildes trabalham na roça, no sol quente não tem jeito né? o sol queima mesmo pra valer e as pessoas lutam para sobreviver e para dar boa vida também para quem mora nas cidades né que é levando fruta e outras coisas através do alimento.⁸⁷

Há aqueles que identificam o preconceito entre os que residem no DIM e os que moram na cidade, mesmo que ambos pertençam à região geográfica sertaneja.” Eles têm uma visão muito diferente da gente né, eles não querem se comparar com a gente não, de jeito nenhum, quem mora em cidade”.⁸⁸ Conforme demonstram as entrevistadas abaixo, mostrando que o estereótipo continua presente. “Sim, como se fosse menor do que eles, das outras pessoas por que a gente é sertanejo. O povo diz logo, é sertanejo aquele dali é sertanejo”.⁸⁹ “Com certeza eles olham diferente”.⁹⁰

Sem pretensão de trazer uma conceituação Darwinista em sua fala, ou, até menos, de apontar aspectos da eugenia no Brasil, Maria das Dores mostra o quão arraigado é o preconceito com sertanejos e negros na mídia televisiva. Já sim, em novela mesmo, televisão a gente ver. E o sertanejo é como o negro, é a mesma coisa, é aquele é um negro, um sertanejo velho é bem assim que sertanejo é tratado”.⁹¹ Difícil desconstruir essa imagem de que o Sertão é lugar do atraso; os próprios sertanejos, às vezes, colocam-se como inferiores inconscientemente devido a essa ideia criada e sustentada até hoje. “Incorporou-se um imaginário coletivo, de que o ‘miserável e ignorante’ recusava a modernidade do restante do Brasil e do mundo”.⁹²

Os habitantes do DIM apresentam argumentos de que percebem que o sertanejo sofre preconceito no Brasil, seja na política, na mídia ou em atividades corriqueiras. Esse tipo de esclarecimento é fundamental para dissipar as visões sobre o Sertão e o sertanejo, pois a mudança ocorre de dentro para fora. Entretanto, os entrevistados se reconhecem como sertanejos e povo simples que moram no interior, enfatizando que os discursos de um nordeste do atraso, elaborado pelos regionalistas, literatura e dado notoriedade pela mídia continua evidente, mostrando que esse tipo de percepção continua vigente na cabeças das pessoas.

Contudo, um novo paradigma se estabelece, atraso e bonança são realidades concomitantes no Nordeste, sobretudo na região do Vale do São Francisco onde está localizado o Distrito de Maniçoba. A água trazida através da Política de Irrigação possibilitou prosperidade econômica e melhoria na vida das pessoas. “[...] aqui é um lugar que sai muita fruta, negócio de manga essas coisas [...] e eu acho que aqui é desenvolvido”.⁹³ “Tá desenvolvimento depois que o projeto Maniçoba chegou entendeu?”.⁹⁴ Investimentos em infraestrutura e irrigação levaram a um dinamismo econômico tornando a região atrativa para o trabalho e melhores condições na vida das pessoas. “Para trabalho, aqui é muito melhor”.⁹⁵

Esse Nordeste visto não é conhecido, as grandes redes de comunicação atuam na vigência do estereótipo, por priorizar discursos taxativos e descontextualizados da região. O mito do território inóspito causado pela desinformação vem acompanhado da pobreza e do atraso.⁹⁶

Dessa forma, é importante colocar que existem “nordestes”, variando de acordo com o público que se deseja alcançar, com hermenêutica apropriada em cada discurso. Maniçoba, no sertão da Bahia transborda esse paradigma, através do desenvolvimento da irrigação e do atraso da região Nordeste perante as demais do Brasil.

Considerações Finais

Este estudo trilhou por diversos caminhos na tentativa de compreender como se constituíram os estereótipos construídos do Sertão e do sertanejo desde o final do século XIX. Seu propósito é evidente: oferecer sua contribuição, por menor que seja, para a compreensão dos discursos enraizados sobre o Sertão e seus povos.

Partindo dessa perspectiva, intentou-se em apresentar, ao longo da história, como se formaram o Sertão e o sertanejo, de acordo com as preferências de intelectuais regionalistas

que desejam se manter em local de destaque na nação, que estava começando a ser desenhada sob o prisma social e econômico.

Mesmo com todo um discurso de atraso do Sertão, esse lugar se fez economia, cidade e prosperidade através da irrigação. Foi essa categoria elucidativa que enveredou todo o trabalho, apresentando Maniçoba, Sertão baiano, que vivencia, simultaneamente, o atraso e a bonança.

A bonança vivida pelo Distrito Irrigado de Maniçoba foi possível devido a políticas públicas implantadas na região desde a década de setenta do século passado. O DIM produz, exporta e melhora constantemente a vida de muitos sertanejos que veem na água a possibilidade de sonhar mais.

Ao finalizar este trabalho, esperamos que as observações e análises realizadas ajudem a compor um quadro geral do Sertão e sertanejo como também das novas construções ou por que não dizer desconstruções acerca da região. Compreendemos que os atores sociais que atuam no Sertão contemporâneo trazem novos sentidos à apropriação desse território tão comentado, mas ainda pouco estudado.

Notas

¹ESCÓRCIO, Maíra Leite. *O Sertão é um mundo: uma aproximação fenomenológica dos modos de ser-no-mundo de sertanejos do semiárido nordestino*. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016, p. 17.

²AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. *Irrigação*. 2019. Disponível em: <https://www.ana.gov.br/ usos-da-agua/irrigacao>. Acesso em: 24 jun. 2019, p. 01.

³ Ibidem, p. 02.

⁴ SOUSA, João Eudes Portela de; SOUSA, Antonia Nilene Portela de. Das reflexões imagéticas para retratar o Nordeste brasileiro: o Ceará de cine hollíudy, *40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Curitiba, 2017, p. 01.

⁵SCOVILLE, André Luiz Martins Lopes. *Literatura das secas: ficção e história*. 2011. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná. 2011, p. 27.

⁶KRAUS, Lalitá. A educação contextualizada no Semiárido brasileiro: entre desconstrução de estereótipos e a construção de uma nova territorialidade. *Revista de geografia (UFPE)*, Recife, v. 32, n.01, 2015, p. 36.

⁷ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 02-03.

⁸SILVA, Roberto Marinho Alves da. *Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento*. 2006. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) Brasília, 2006, p. 203.

⁹ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit., p. 03.

¹⁰CALAZANS, Rejane. Ambivalências: O Nordeste nas obras de Gilberto Freyre e Celso Furtado, *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 22 n. 64, 2007, p. 01.

¹¹SCOVILLE, op. cit., p. 38.

¹²ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit., p. 11.

- ¹³ SCOVILLE, op. cit., p. 54
- ¹⁴ HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997, p. 09.
- ¹⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Condições históricas de emergência. In: *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste – 1920-1950)*. São Paulo: intermeios, 2013, p. 50.
- ¹⁶ Id, 2001, p. 12.
- ¹⁷ PEREIRA, Carlos Alberto. O Brasil do Sertão e da mídia televisiva, *Comunidade e Sociedade*, n. 24, 1995, p. 13. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/8091>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- ¹⁸ SILVEIRA, Roberto Azoubel da Mota. A reinvenção do Nordeste nas crônicas d'O Carapuzeiro. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007, p. 71.
- ¹⁹ SOUSA NETO, Marcelo de. Imagens de Nordeste: o regionalismo e o Nordeste como prática discursiva. *Revista tempo histórico*, v. 02, n. 02, 2010, p. 03-04. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistatemphistorico/index.php/revista/article/view/20>. Acesso em: 24 set. 2018.
- ²⁰ SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de. *Imaginário social de semi-árido e o processo de construção dos saberes ambientais: o caso do município de Coronel José Dias – Piauí*. 2005, p. 20. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina 2005.
- ²¹ SILVA, Arlete Mendes; CARDOSO JÚNIOR, Hamilton Matos. Sertão e litoral: por uma discussão preliminar do Sertão no planalto central, *Revista de Geografia*, v. 36, n.1, 2019, p. 162-163.
- ²² ORTEGA, Antonio Cesar; SOBEL, Tiago Farias. Desenvolvimento territorial e perímetros irrigados: avaliação das políticas governamentais implantadas nos perímetros irrigados Bebedouro e Nilo Coelho em Petrolina (Pe). *Planejamento e políticas públicas*, n. 35, 2010, p. 89.
- ²³ BRASIL. Ministério da Integração Nacional. *A irrigação no Brasil: situação e diretrizes*. Brasília, DF: Ministério da Integração Nacional, 2008, p. 28.
- ²⁴ Ibidem, p. 34.
- ²⁵ CODEVASF. *Maniçoba*. 2018, p. 01. Disponível em: <http://www.codevasf.gov.br/principal/perimetros-irrigados/elenco-de-projetos/manicoba>. Acesso em: 19 set. 2018.
- ²⁶ BRASIL. Ministério da Integração Nacional. *Região integrada de desenvolvimento – RIDE: Petrolina – Juazeiro*. Brasília, DF: Ministério da Integração Nacional, 2011, p. 01. Disponível em: http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=e7f5d3d8-e874-4968-8dda-210b04e07026&groupId=63635. Acesso em: 19 set. 2018.
- ²⁷ SIANI, Sergio Ricardo; CORREA, Dalila Alves; LAS CASAS, Alexandre Luzzi. Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida. *Revista de Administração da UNIMEP*, v. 14, n. 1, 2016, p. 199. Disponível em: <http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/regen/article/viewFile/1002/670>. Acesso em: 30 out. 2018.
- ²⁸ MERRIAM, Sharan B. *Qualitative research in practice: examples for discussion and analysis*. San Francisco, Jossey-Bass, 2002, p. 156.
- ²⁹ HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2001, 16.
- ³⁰ PERECMAN, Ellen; CURRAN, Sara R. *A Handbook for Social Science: Field Research -Essays & Bibliographic Sources on Research Design and Methods*. California: Sage Publications, 2006, p. 98.
- ³¹ MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 16.
- ³² SANTOS, João Almeida; MASSAROPPE, José Antônio; VIEIRA, Almir Martins. Contribuições da história oral como método de investigação organizacional. In: *XXIII Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração*, Bento Gonçalves, 2012, p. 06.
- ³³ PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 194.
- ³⁴ ICHIKAWA, Elisa Yoshie; SANTOS, Lucy Woellner. *Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional*, 2003, p. 13.
- ³⁵ MONTENEGRO, op. cit., p. 150.
- ³⁶ OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Travessias*, v. 04, 2010, p. 12. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/3122/2459>. Acesso em: 22 out. 2018.
- ³⁷ TUZZO, Simone Antoniacci; BRAGA, Claudomilson Fernandes. O processo de triangulação na pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v.4, n. 5, 2016, 143. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/download/38/31>. Acesso em: 31 out. 2018.
- ³⁸ BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins e fontes. 2011, p. 21.
- ³⁹ SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 213.

- ⁴⁰ CASSUNDÉ, Fernanda Roda de Souza Araújo. *Desenvolvimento de E-competências para o Ensino na EAD e a Influência das Condições Institucionais: um Estudo em uma IES Federal*. 2015. Tese (Doutorado em Administração) Universidade Federal de Pernambuco. 2015, p. 77.
- ⁴¹ BARDIN, op. cit., p. 35.
- ⁴² JUAZEIRO. Câmara Municipal de Juazeiro-BA. *Câmara aprova Projeto consolidando configuração territorial do Distrito de Maniçoba em Juazeiro*. 2019. Juazeiro, BA. Disponível em: <https://www.juazeiro.ba.leg.br/institucional/noticias/camara-aprova-projeto-consolidando-configuracao-territorial-do-distrito-de-manicoba-em-juazeiro>. Acesso em: 23 set. 2018.
- ⁴³ ORTEGA; SOBEL, op. cit., p. 94.
- ⁴⁴ CLIMATE. *Clima em Juazeiro*, 2019. Disponível em: <https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/bahia/juazeiro-31939/>. Acesso em 15 jun. 2019, p. 01.
- ⁴⁵ CASSUNDÉ, Fernanda Roda de Souza Araújo; SOUZA, Acerlandia Iraci de; BARBOSA, Ayrton Arthur Nobre; SOLANO, Lincoln Nunes; SILVA, Geovane Soares. Senta que lá vem história: era uma vez um município chamado Maniçoba, *XX SEMEAD Seminários de Administração*, 2017, p. 06. Disponível em: http://login.semead.com.br/20semead/anais/resumo.php?cod_trabalho=8. Acesso em: 02 jun. 2019.
- ⁴⁶ SILVA, Valdeci Nicácia. *Valdeci Nicácia da Silva: entrevista* [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.
- ⁴⁷ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Laurent Léon Schaffter. 2 ed. Paris, 1968, p. 106.
- ⁴⁸ MENEGOLO, Elizabeth D. da C. W. O uso da história oral como instrumento de pesquisa sobre ensino da produção textual. *In: Ciência e Cognição*, v. 09, 2006, p. 05.
- ⁴⁹ POLLACK, Michel. Memória e identidade social. *In: Estudos históricos*, v. 05, n. 10, 1992, p. 204. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em 10 out. 2018.
- ⁵⁰ SILVA, Domingos Nicácio. *Domingos Nicácio da Silva: entrevista* [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.
- ⁵¹ SILVA; CARDOSO JÚNIOR, op. cit., p. 164.
- ⁵² HALBWACHS, op. cit., p. 53.
- ⁵³ MENDONÇA, Selvina da Costa. *Dependência do Estado como barreira à emancipação dos pequenos produtores assentados no Perímetro Irrigado de Maniçoba (Juazeiro-BA)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, 2006, p. 18.
- ⁵⁴ ALBUQUERQUE, Nycolas Santos. Apoderamento imagético do Nordeste do Brasil: Estereótipo e Discurso nas Artes, *ComSertões*, 2014, p. 03. Disponível em: www.revistas.uneb.br/index.php/comsertoes/article/viewFile/741/651. Acesso em: 19 de jun. 2019.
- ⁵⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Fragments do discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil, 2007*, p. 03. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/marcelmatias/Disciplinas/orientacoes/fragmentos-do-discurso-cultural-por-uma-analise-critica-do-discurso-sobre-a-cultura-no-brasil/at_download/file Acesso em: 20 jun. 2019.
- ⁵⁶ CARVALHO, Leonora Guiné de Mello. *Estereótipo e identidade em piadas sobre o mineiro: uma perspectiva da análise do discurso*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Vale do Rio Verde, 2011, p. 46.
- ⁵⁷ SANTOS, Joaquim Francisco. *Joaquim Francisco dos Santos: entrevista* [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.
- ⁵⁸ SOUZA, Maria das Dores de. *Maria das Dores de Souza: entrevista* [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.
- ⁵⁹ OLIVEIRA, Maria Silvana da Silva. *Maria Silvana da Silva Oliveira: entrevista* [jul. 2019]. Entrevistador: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.
- ⁶⁰ SILVA, Valdeci Nicácia, op. cit., entrevista sonora.
- ⁶¹ CORREA, Silvio Marcus de Souza. História local e seu devir historiográfico. *Métis - história e cultura*, v. 2, n. 2, p. 11-32, 2002, p. 28.
- ⁶² MACEDO, Tairone Zuliani de. *As origens e evoluções etimológicas dos termos Sertão e sertanejo*, 2006, p. 01. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Tairone_Zuliani_de_Macedo_-_AS_ORIGENS_E_EVOLU%C3%87%C3%95ES_ETIMOL%C3%93GICAS_DOS_TERMOS_SERT%C3%83O_E_SERTANEJO.pdf. Acesso em: 24 jun. 2019.
- ⁶³ TELES, Gilberto Mendonça. O lu(g)ar dos sertões, *Verbo de Minas*, v. 08, n. 16, 2009, p. 85-86. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/246>. Acesso em: 02 jun. 2019.
- ⁶⁴ SILVA, Osvaldo Severino. *Osvaldo Severino da Silva: entrevista* [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.
- ⁶⁵ CHACON, Suely Salgueiro. *O sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido*. 2007, p. 37. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável). Série Banco do Nordeste do Brasil - Teses e Dissertações, 2007.

- ⁶⁶ SILVA, Domingos Nicácio, op. cit., entrevista sonora.
- ⁶⁷ SANTOS, Joaquim Francisco, op. cit., entrevista sonora.
- ⁶⁸ SILVA, Julia Generosa Conceição. *Julia Generosa Conceição da Silva*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.
- ⁶⁹ NICÁCIO, Lucineia da Silva Souza. *Lucineia da Silva Souza Nicácio*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.
- ⁷⁰ SOUZA, Maria das Dores. op. cit., entrevista sonora.
- ⁷¹ LIMA, Sandra da Conceição. *Sandra Lima da Conceição*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.
- ⁷² OLIVEIRA, Maria Silvana da Silva, op. cit., entrevista sonora.
- ⁷³ SILVA, Valdeci Nicácia, op. cit., entrevista sonora.
- ⁷⁴ SILVA, Osvaldo Severino, op. cit., entrevista sonora.
- ⁷⁵ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 46.
- ⁷⁶ SILVA, Maria Janete. *Maria Janete da Silva*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019
- ⁷⁷ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994, p. 53.
- ⁷⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, op. cit., p. 20.
- ⁷⁹ SOARES, Jessica Maria Alexandre; SOUZA, Amanda Rafaela Ferreira; BRITO, Leandro Paes de; SOUSA, Juliana Delfino de; CALIXTO, Merilane da Silva. Representação do semiárido nordestino pela mídia: uma abordagem caricata. *II Conidis – Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido*, v. 01, 2017, p. 02. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conidis/trabalhos/TRABALHO_EV074_MD1_SA7_ID255_02102017223106.pdf. Acesso em: 02 jun. 2019.
- ⁸⁰ LEITE, Gabriela Maria de Sousa. *A valorização do patrimônio estético de raiz africana na sala de aula contribuições do acervo do museu Afro Brasil*. 2018. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2018, p. 15.
- ⁸¹ SILVA, Valdeci Nicácia, op. cit., entrevista sonora.
- ⁸² Ibid., entrevista sonora.
- ⁸³ SILVA, Julia Generosa Conceição, op. cit., entrevista sonora.
- ⁸⁴ NICÁCIO, Lucineia da Silva Souza, op. cit., entrevista sonora.
- ⁸⁵ SILVA, Osvaldo Severino, op. cit., entrevista sonora.
- ⁸⁶ Ibid., entrevista sonora.
- ⁸⁷ Ibid., entrevista sonora.
- ⁸⁸ OLIVEIRA, Maria Silvana da Silva, op. cit., entrevista sonora.
- ⁸⁹ SOUZA, Maria das Dores, op. cit., entrevista sonora.
- ⁹⁰ SILVA, Maria Janete, op. cit., entrevista sonora.
- ⁹¹ SOUZA, Maria das Dores, op. cit., entrevista sonora.
- ⁹² OLIVEIRA, Vanessa Silva; ARAÚJO, Robéria Nádia Nascimento. Concepções e estigmas regionais do Nordeste no programa “Globo Rural”, *XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Recife, 2011, p. 05.
- ⁹³ SOUZA, Maria das Dores, op. cit., entrevista sonora.
- ⁹⁴ SILVA, Valdeci Nicácia, op. cit., entrevista sonora.
- ⁹⁵ OLIVEIRA, Maria Silvana da Silva, op. cit., entrevista sonora.
- ⁹⁶ SANTOS, Fabiolla Moura Reis. *O sertão que a TV não vê: o jornalismo contextualizado com o semiárido brasileiro*. Teresina: EDUFPI, 2017, p. 151.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Condições históricas de emergência. *In: A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste – 1920-1950)*. São Paulo: intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Fragments do discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil*, 2007. Disponível em:

http://docente.ifrn.edu.br/marcelmatias/Disciplinas/orientacoes/fragmentos-do-discurso-cultural-por-uma-analise-critica-do-discurso-sobre-a-cultura-no-brasil/at_download/fileAcesso em: 20 jun. 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *O engenheiro anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2001.

ALBUQUERQUE, Nícolas Santos. Apoderamento imagético do Nordeste do Brasil: Estereótipo e Discurso nas Artes, *ComSertões*, 2014. Disponível em: www.revistas.uneb.br/index.php/comsertoes/article/viewFile/741/651. Acesso em: 19 de jun. 2019.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. *Irrigação*. 2019. Disponível em: <https://www.ana.gov.br/usos-da-agua/irrigacao>. Acesso em: 24 jun. 2019.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins e fontes. 2011.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. *Região integrada de desenvolvimento – RIDE: Petrolina – Juazeiro*. 2011. Brasília, DF: Ministério da Integração Nacional. Disponível em: http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=e7f5d3d8-e874-4968-8dda-210b04e07026&groupId=63635. Acesso em: 19 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. *A irrigação no Brasil: situação e diretrizes*. Brasília, DF: Ministério da Integração Nacional, 2008. 132 p.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CALAZANS, Rejane. Ambivalências: O Nordeste nas obras de Gilberto Freyre e Celso Furtado, *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 22 n. 64, 2007.

CARVALHO, Leonora Guiné de Mello. *Estereótipo e identidade em piadas sobre o mineiro: uma perspectiva da análise do discurso*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Vale do Rio Verde, 2011.

CASSUNDÉ, Fernanda Roda de Souza Araújo. *Desenvolvimento de E-competências para o Ensino na EAD e a Influência das Condições Institucionais: um Estudo em uma IES Federal*. 2015. Tese (Doutorado em Administração) Universidade Federal de Pernambuco. 2015.

CASSUNDÉ, Fernanda Roda de Souza Araujo; SOUZA, Acerlandia Iraci de; BARBOSA, Ayrton Arthur Nobre; SOLANO, Lincoln Nunes; SILVA, Geovane Soares. Senta que lá vem história: era uma vez um município chamado Maniçoba, *XX SEMEAD Seminários de Administração*, 2017. Disponível em: http://login.semead.com.br/20semead/anais/resumo.php?cod_trabalho=8. Acesso em: 02 jun. 2019.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 72

CHACON, Suely Salgueiro. *O sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido*. 2007. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável). Série Banco do Nordeste do Brasil- Teses e Dissertações, 2007.

CLIMATE. *Clima em Juazeiro*, 2019. Disponível em: <https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/bahia/juazeiro-31939/>. Acesso em 15 jun. 2019.

CORREA, Silvio Marcus de Souza. História local e seu devir historiográfico. *Métis - história e cultura*, v. 2, n. 2, p. 11-32, 2002.

CODEVASF. *Maniçoba*. 2018. Disponível em: <http://www.codevasf.gov.br/principal/perimetros-irrigados/elenco-de-projetos/manicoba>. Acesso em: 19 set. 2018.

ESCÓRCIO, Maíra Leite. *O Sertão é um mundo: uma aproximação fenomenológica dos modos de ser-no-mundo de sertanejos do semiárido nordestino*. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Laurent Léon Schaffter. 2 ed. Paris, 1968. 189 p.

HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2001.

ICHIKAWA, Elisa Yoshie; SANTOS, Lucy Woellner. *Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional*, 2003.

JUAZEIRO. *Lei nº 3.496, de 13 maio de 2019*. Câmara aprova Projeto consolidando configuração territorial do Distrito de Maniçoba em Juazeiro. Juazeiro: Câmara Municipal, [2019]. Disponível em: <https://www.juazeiro.ba.leg.br/institucional/noticias/camara-aprova-projeto-consolidando-configuracao-territorial-do-distrito-de-manicoba-em-juazeiro>. Acesso em: 02 jun. 2019.

KRAUS, Lality. A educação contextualizada no Semiárido brasileiro: entre desconstrução de estereótipos e a construção de uma nova territorialidade. *Revista de geografia (UFPE)*, Recife, v. 32, n.01, p. 26-40, 2015.

LEITE, Gabriela Maria de Sousa. *A valorização do patrimônio estético de raiz africana na sala de aula contribuições do acervo do museu Afro Brasil*. 2018. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2018.

MACEDO, Tairone Zuliani de. *As origens e evoluções etimológicas dos termos Sertão e sertanejo*, 2006. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Tairone_Zuliani_de_Macedo_-_AS_ORIGENS_E_EVOLU%C3%87%C3%95ES_ETIMOL%C3%93GICAS_DOS_TERMOS_SERT%C3%83O_E_SERTANEJO.pdf. Acesso em: 24 jun. 2019.

- MENDONÇA, Selvina da Costa. *Dependência do Estado como barreira à emancipação dos pequenos produtores assentados no Perímetro Irrigado de Maniçoba (Juazeiro-BA)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, 2006.
- MENEGOLO, Elizabeth D. da C. W. O uso da história oral como instrumento de pesquisa sobre ensino da produção textual. *In: Ciência e Cognição*, v. 09, p. 02-13, 2006.
- MERRIAM, Sharan B. *Qualitative research in practice: examples for discussion and analysis*. San Francisco, Jossey-Bass, 2002.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010. 153 p.
- OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Travessias*, v. 04, 2010. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/3122/2459>. Acesso em: 22 out. 2018.
- OLIVEIRA, Vanessa Silva; ARAÚJO, Robéria Nádia Nascimento. Concepções e estigmas regionais do Nordeste no programa “Globo Rural”, *XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Recife, 2011.
- ORTEGA, Antonio Cesar; SOBEL, Tiago Farias. Desenvolvimento territorial e perímetros irrigados: avaliação das políticas governamentais implantadas nos perímetros irrigados Bebedouro e Nilo Coelho em Petrolina (Pe). *Planejamento e políticas públicas*, n. 35, 2010.
- PERECMAN, Ellen; CURRAN, Sara R. *A Handbook for Social Science: Field Research - Essays & Bibliographic Sources on Research Design and Methods*. California: Sage Publications, 2006.
- PEREIRA, Carlos Alberto. O Brasil do Sertão e da mídia televisiva, *Comunidade e Sociedade*, n. 24, 1995. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/8091>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- PRINS, Gwyn. História oral. *In: BURKE, Peter. (Org.). A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 163-198.
- POLLACK, Michel. Memória e identidade social. *In: Estudos históricos*, v. 05, n. 10, 1992, p. 204. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em 10 out. 2018.
- SANTOS, Fabiola Moura Reis. *O sertão que a TV não vê: o jornalismo contextualizado com o semiárido brasileiro*. Teresina: EDUFPI, 2017. 200 p.
- SANTOS, João Almeida; MASSAROPPE, José Antônio; VIEIRA, Almir Martins. Contribuições da história oral como método de investigação organizacional. *In: XXIII Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração*, Bento Gonçalves, 2012.

SCOVILLE, André Luiz Martins Lopes. *Literatura das secas: ficção e história*. 2011. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná. 2011.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SIANI, Sergio Ricardo; CORREA, Dalila Alves; LAS CASAS, Alexandre Luzzi. Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida. *Revista de Administração da UNIMEP*, v. 14, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/regen/article/viewFile/1002/670>. Acesso em: 30 out. 2018.

SILVA, Arlete Mendes; CARDOSO JÚNIOR, Hamilton Matos. Sertão e litoral: por uma discussão preliminar do Sertão no planalto central, *Revista de Geografia*, v. 36, n.1, 2019.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. *Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento*. 2006. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) Brasília, 2006.

SILVEIRA, Roberto Azoubel da Mota. *A reinvenção do Nordeste nas crônicas d'O Carapuzeiro*. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007.

SOARES, Jessica Maria Alexandre; SOUZA, Amanda Rafaela Ferreira; BRITO, Leandro Paes de; SOUSA, Juliana Delfino de; CALIXTO, Merilane da Silva. Representação do semiárido nordestino pela mídia: uma abordagem caricata. *II Conidis – Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido*, v. 01, 2017. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conidis/trabalhos/TRABALHO_EV074_MD1_SA7_ID255_02102017223106.pdf. Acesso em: 02 jun. 2019.

SOUZA, João Eudes Portela de; SOUSA, Antonia Nilene Portela de. Das reflexões imagéticas para retratar o Nordeste brasileiro: o Ceará de cine holliúdy, *40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Curitiba, 2017.

SOUZA NETO, Marcelo de. Imagens de Nordeste: o regionalismo e o Nordeste como prática discursiva. *Revista tempo histórico*, v. 02, n. 02, 2010. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistatempohistorico/index.php/revista/article/view/20>. Acesso em: 24 set. 2018.

SOUZA, Maria Sueli Rodrigues de. *Imaginário social de semi-árido e o processo de construção dos saberes ambientais: o caso do município de Coronel José Dias – Piauí*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina 2005.

TELES, Gilberto Mendonça. O lu(g)ar dos sertões, *Verbo de Minas*, v. 08, n. 16, 2009. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/246>. Acesso em: 02 jun. 2019.

TUZZO, Simone Antoniacci; BRAGA, Claudomilson Fernandes. O processo de triangulação na pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v.4, n. 5, 2016. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/download/38/31>. Acesso em: 31 out. 2018.

Entrevistas:

LIMA, Sandra da Conceição. *Sandra Lima da Conceição*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.

NICÁCIO, Lucineia da Silva Souza. *Lucineia da Silva Souza Nicácio*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.

OLIVEIRA, Maria Silvana da Silva. *Maria Silvana da Silva Oliveira*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistador: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.

SANTOS, Joaquim Francisco. *Joaquim Francisco dos Santos*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.

SILVA, Domingos Nicácio. *Domingos Nicácio da Silva*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.

SILVA, Julia Generosa Conceição. *Julia Generosa Conceição da Silva*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.

SILVA, Maria Janete. *Maria Janete da Silva*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.

SILVA, Osvaldo Severino. *Osvaldo Severino da Silva*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.

SILVA, Valdeci Nicácia da. *Valdeci Nicácia da Silva*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.

SOUZA, Maria das Dores de. *Maria das Dores de Souza*: entrevista [jul. 2019]. Entrevistadora: Acerlandia Iraci de Souza Monteiro. Juazeiro: Distrito irrigado de Maniçoba, 2019.